

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

RICARDO SEVERO, NACIONALISTA E ARQUEÓLOGO. CONFERÊNCIA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO, PRONUNCIADA PELO PROFESSOR DR. FERNANDO DE ALMEIDA, NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, EM SESSÃO DE 6-12-1969.

ALMEIDA, Fernando de

Ano: 1969 | Número: 79

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de, Ricardo Severo, nacionalista e arqueólogo. Conferência comemorativa do centenário do seu nascimento, pronunciada pelo Professor Dr. Fernando de Almeida, na Sociedade Martins Sarmento, em sessão de 6-12-1969. *Revista de Guimarães*, 79 (3-4) Jul.-Dez. 1969, p. 261-278.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Ricardo Severo, nacionalista e arqueólogo

Conferência comemorativa do Centenário do seu nascimento, pronunciada pelo Professor Dr. D. Fernando de Almeida, na Sociedade Martins Sarmento, em Sessão de 6-12-1969.

Realizou-se na noite de 6 de Dezembro uma sessão comemorativa do centenário do nascimento do grande cientista e investigador das origens da nacionalidade portuguesa, que foi o Engenheiro Ricardo Severo, falecido em 3 de Abril de 1940 no Brasil, na cidade de São Paulo, deixando ali um luminoso rasto da sua intensa actividade intelectual, em numerosos artigos que escreveu, conferências e discursos modelares que pronunciou na grande urbe brasileira, onde durante mais de três décadas viveu, e onde hoje ainda perduram o seu nome e a sua descendência ilustre.

Contemporâneo de Martins Sarmento, quando este já era um homem amadurecido e Severo apenas um jovem estudioso, foi grande amigo, discípulo e admirador do glorioso sábio nosso conterrâneo. Não quis, por isso, a Sociedade Martins Sarmento deixar passar em claro, a data do Centenário do nascimento deste prestigioso arqueólogo que há 70 anos fundara no Porto, com a colaboração de Rocha Peixoto, José Fortes, João Barreira, Fonseca Cardoso e outros cientistas do final do século XIX e primeira metade do actual, a famosa *Revista Portuguesa*, de estudos etnográficos, arqueológicos e históricos, que foi, e é hoje ainda uma das mais, notáveis colectâneas de contributos para o esclarecimento do nosso remoto passado.

A esta Sessão cultural da nossa Colectividade, em memória de Ricardo Severo, dignou-se assistir o ilustre consócio, Senhor Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, pronunciando uma conferência, como convidado para fazer o elogio do homenageado.

Presidiu o Ex.^{mo} Governador Civil do Distrito, que é também um activo e devotado sócio da Casa de Martins Sarmiento, e se fez acompanhar na Mesa de Honra pelo Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal e Procurador à Câmara Corporativa, pelo Ex.^{mo} Reitor do nosso Liceu e Deputado da Nação, e pelo Presidente da Sociedade.

Aberta a Sessão foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, que pronunciou a seguinte alocução:

Ex.^{mo} Senhor Governador Civil do Distrito,
Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,
Ex.^{mo} Senhor Reitor do Liceu,
Minhas Senhoras e meus Senhores!

Temos hoje novamente nesta Casa de Martins Sarmiento a honrosa presença da entidade oficial mais representativa dos estudos da nossa Arqueologia, o Senhor Dom Fernando de Almeida, Presidente da veneranda Colectividade que se dedica ao esclarecimento das remotas origens do nosso povo, ou seja — a Associação dos Arqueólogos Portugueses, Director da nossa mais importante colecção de Antiguidades, isto é — do Museu Arqueológico Nacional de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde exerce a actividade docente como Professor da Cátedra de Arqueologia, sendo também Vogal da Subsecção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação, e laureado em 1963 com o Prémio de Arqueologia instituído pela Fundação Calouste Gulbenkian, pelo seu importante trabalho sobre «Arte Visigótica em Portugal».

Estas credenciais, só por si, já dizem o suficiente para nos considerarmos absolutamente dispensados de insistir na alta competência e na obra científica, aliás bem conhecida deste insigne Professor e nosso ilustre consócio na Sociedade Martins Sarmiento.

O Senhor Professor Dom Fernando de Almeida veio hoje aqui, a convite nosso, para recordar a personalidade de *Ricardo Severo*, neste ano em que passa o centenário do nascimento desse erudito cientista português, que faleceu no Brasil, na cidade de São Paulo, a 3 de Abril de 1940.

Quem foi Ricardo Severo?! Para muitas pessoas menos interessadas nos problemas da nossa mais antiga história, e talvez até para alguns estudiosos da nova geração, este nome pouco significará. E, contudo, ele pertenceu a um dos nossos mais notáveis Homens de Ciência, da última década do século XIX e primeira metade do século actual, e foi um dos investigadores que maior contributo deu, com os estudos que legou à posteridade, para um

melhor conhecimento das origens da nacionalidade portuguesa. Simultaneamente, foi também um português de lei, que soube honrar a sua pátria em terras do Brasil, onde se fixou desde 1892 a 96, e para ali voltou em 1908. Ainda hoje, o seu nome é respeitado na grande metrópole paulista, onde exerceu a sua actividade profissional com grande brilho e prestígio, como engenheiro de Obras Públicas e Minas, e onde se destacou pelos dotes excepcionais da sua personalidade literária e de cientista.

Era natural de Lisboa, mas, até a data em que retirou para o Brasil, exerceu a sua principal actividade intelectual e científica na cidade do Porto, onde fundou em 1899 a célebre Revista de Estudos Arqueológicos e Etnográficos intitulada «Portugália», em cuja importância nenhuma outra publicação portuguesa da mesma índole jamais a igualou até hoje.

Ainda me foi dada a honra de conhecer pessoalmente Ricardo Severo, em fins do ano de 1935, na altura em que, pela última vez, creio eu, ele veio a Portugal, e onde no Porto lhe foi prestada uma expressiva homenagem de simpatia e respeito, por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, da qual era então Presidente o prestigioso e saudoso cientista Professor Mendes Correia. Como representante da nossa Colectividade associei-me nessa ocasião, como devia, às manifestações de carinho por quem tinha sido um dos maiores amigos de Martins Sarmiento e seu discípulo dilecto. Foi Ricardo Severo um espírito liberal pertencente à geração entusiasta e audaciosa que dera o primeiro impulso à renovação, no campo intelectual, social e político, da mentalidade portuguesa, então em manifesta apatia, e contra a qual um grupo de homens de acção, reagiu em 1891, com a primeira tentativa, embora malograda, para a implantação do regime republicano no país.

Os descendentes da Família que Ricardo Severo constituiu no Brasil, conhecendo bem as afinidades intelectuais e científicas que ligavam o nome daquele estudioso ao de Martins Sarmiento, ainda em 1957, já decorridos 17 anos sobre a morte do seu ilustre antepassado, ofereceram ao Museu desta Sociedade, como testemunho de respeitosa veneração pelo grande arqueólogo nosso conterrâneo e Patrono espiritual desta Casa, umas preciosíssimas jóias proto-históricas, de ouro, de valor estimativo incalculável, que Ricardo Severo havia adquirido antes da sua partida para o Brasil, e tinham sido casualmente descobertas na freguesia transmontana de Lebução, em Valpaços. Sobre esse tesouro deixou Severo um magistral estudo na sua Revista «Portugália».

Por todas estas circunstâncias, concorrentes na gratidão que esta Sociedade Martins Sarmiento ficou devendo à memória de Ricardo Severo, não podíamos deixar de celebrar a data do centenário do nascimento de tão notável Figura, vincadamente ligada aos estudos da Arqueologia e da Etnografia portuguesas, cientista ilustre, cuja obra notabilíssima o Senhor Professor Doutor Dom Fernando de Almeida nos vai evocar, com o relevo flagrante que o seu esclarecido espírito muito bem saberá dar ao retrato espiritual de um grande pioneiro da Ciência portuguesa.

Tomou depois a palavra o ilustre Conferente Senhor Professor D. Fernando de Almeida, que começou por

agradecer as palavras que lhe haviam sido dirigidas pelo Presidente da Sociedade.

Entrou, em seguida no tema da sua magnífica Conferência, a que dera o título de «*Ricardo Severo, nacionalista e arqueólogo*», que na íntegra temos a honra de deixar registada nas páginas do órgão cultural da nossa Sociedade:

RICARDO SEVERO — NACIONALISTA E ARQUEÓLOGO

Por passar agora o 1.^o centenário do nascimento de Ricardo Severo, decidiu a Sociedade Martins Sarmiento homenagear a sua memória: para tal organizou esta sessão solene, na qual eu deveria, como sócio da veneranda Sociedade e Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, recordar o nome de quem tanto soubera valorizar e honrar a cultura portuguesa; e, por outro lado, fôra muito dedicado ao seu Mestre, aliás de todos nós arqueólogos portugueses, o patrono desta Casa.

Por mais este gesto tão louvável, cumprimento respeitosamente o Ex.^{mo} Presidente desta Sociedade, Senhor Coronel Mário Cardozo, digno continuador da obra de Martins Sarmiento; e agradeço a honra do convite a que procurarei corresponder como melhor se me afigurou.

Muito se tem dito e escrito sobre o nosso homenageado de hoje; mas parece-nos não ser de mais insistir sobre o seu amor à terra portuguesa, tantas vezes por ele repetido em artigos e conferências. Efectivamente, relendo a obra do escritor, quer nela se trate de assuntos de arte, quer de história, de arqueologia ou de outros, o povo português saltava-lhe nas palavras que proferia ou escrevia, como um tema constante.

Ricardo Severo foi um arqueólogo notável; sobre esta faceta do seu brilhante espírito multifacetado, pensamos realizar a nossa conferência; mas o seu nacionalismo surge tão expressivo, tão sincero, que chegamos a crer ter sido esse seu amor «pola grey» quem o levou a procurar profundar a história portuguesa rebuscando

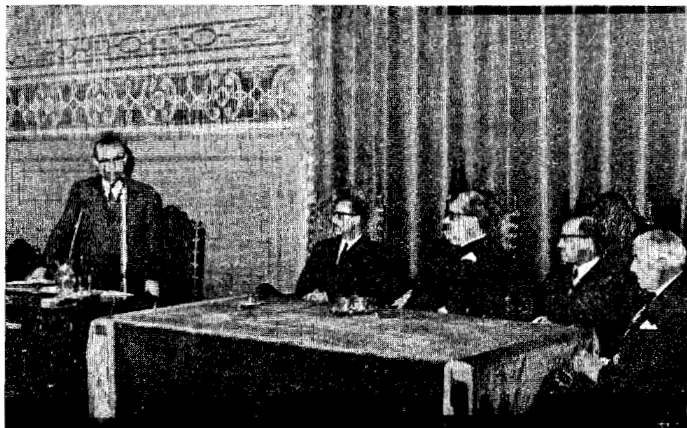


RICARDO SEVERO

Retrato a óleo, pelo Pintor Henrique Medina, cedido pela Ex.^{ma} Família de Ricardo Severo à «Casa de Portugal» em São Paulo, onde figura na Biblioteca que tem o nome do ilustre Homem de Ciência.

(Gentileza à Soc. M. S. pela Ex.^{ma} Filha de Ricardo Severo, Senhora Dona Isabel Severo Lébeis.)

o que a terra guarda ciosamente desde há milénios. Por isso nos decidimos incidir mais sobre o nacionalista do que sobre o arqueólogo. E fá-lo-emos, tanto quanto possível, com palavras suas extraídas dos seus escritos.



O Prof. Doutor D. Fernando de Almeida pronunciando a sua Conferência.

*

Ricardo Severo da Fonseca e Costa, nome completo de Ricardo Severo, nasceu em Lisboa, a seis de Novembro de 1869. Fez os seus estudos no Porto para onde, não sabemos bem quando, se mudara com a sua família. Matriculou-se ali na Academia Politécnica, concluindo o curso de Engenharia Civil e de Minas com distinção; tinha vinte anos.

Em 1888 fundou a Sociedade Carlos Ribeiro e, no ano seguinte, criou a «Revista das Ciências Naturais e Sociais».

Em 1892 foi para S. Paulo onde se fixou, e de onde regressou em 1896.

De novo em Portugal, fundou a revista «Portugalia», no ano de 1899.

Não permaneceu muito tempo na Pátria, pois em 1908 estava outra vez no Brasil onde criaria nome como engenheiro, architecto e homem de letras, e onde casaria com uma irmã de Santos Dumont, o pioneiro da aviação, figura de relevo mundial.

Voltou a Portugal em 1935, matar saudades, talvez; mas pouco tempo cá andou. De regresso à sua cidade de S. Paulo, onde deixou tão boa memória, ali faleceu em 3 de Abril de 1940.

*

Esta foi a linha que seguiu o nosso homenageado, reduzida a datas marcantes na sua existência.

De uma grande actividade intelectual, referir-nos-emos particularmente, como anunciámos, ao nacionalista e ao arqueólogo, como consequência imediata; mas não podemos deixar de recordar que Ricardo Severo foi um notável conferencista, historiador, jornalista, crítico, escritor; e que na sua actividade profissional foi estimadíssimo, bem como na sua constância, correcta e idealista, de republicano íntegro e convicto desde a adolescência até ao final da vida.

E se escolhemos o lado nacionalista do seu pensamento, foi por ter sido marcante e constante a necessidade que manteve pela vida fora, de exteriorizar e fixar as suas ideias na tradição do povo português, tradição essa que se propôs esclarecer indo buscá-la às fontes mais legítimas, a documentos incontroversos. E esses documentos jaziam no grande arquivo que a terra conserva e só revela a quem souber esquadrihá-la: para isso, tinha que se fazer arqueólogo. E fez-se desde a primeira hora, pois o início da sua carreira, como tal, surgiu à luz do dia quando o futuro investigador completava 17 anos.

Viveu Ricardo Severo em um período de agitação de ideias, não só intellectuais como políticas que são do maior interesse para o historiador. Por isso julgamos dever recordar o clima espiritual de então, aquele em que Ricardo Severo nasceu e se fez homem; e fá-lo-emos não só sob o ponto de vista da vida pública, mas também científica, naquele particular já apontado por ter sido um dos preferidos por Ricardo Severo.

Quando em 1834 o liberalismo foi imposto ao país por uma vitória militar, a monarquia, sistema político que a governara durante sete séculos, ficou com os seus dias contados. Era questão de tempo; a evolução dos acontecimentos, assim preparada, a ela conduziria fatalmente. Uns sabiam-no com a certeza que a sua lógica lhes dava; outros, os monárquicos, procuravam ignorá-lo.

O liberalismo, amadurecido, faria cair fatalmente o trono; mas muitos houve que procuraram andar mais depressa, não esperar que o fruto caísse. E assim, a pouco e pouco, criou-se como que uma mística republicana. A mística tomou alento porque surgiu um poeta: Antero. Foi poeta e filósofo, um dos grandes da literatura portuguesa. O seu pai desembarcara no Mindelo. Politicamente, o filho começou por seguir na esteira do pai; depois foi muito mais longe. Conta ele em uma carta escrita a Storck, quando cursava a Universidade de Coimbra: (1) «(...) pobre criança arrancada do viver quasi paternal (...) para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno (...) cai num estado de dúvida e de incerteza tanto mais pungentes quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crêr plácidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direcção, estado terrível de espírito, partilhado mais ou menos por quase todos os da minha geração, a primeira em Portugal que saíu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição». O «terramoto», como classificou Camilo as «Odes Modernas» do grande Poeta, tivera o efeito de um explosivo na literatura de então. Aderiu à ideia da União Ibérica, tão cara à propaganda republicana da época. Dela se corrigiu com amargura, escrevendo a propósito: «Era uma grande ilusão, da qual porém só desisti (como de muitas outras desse tempo) à força de golpes brutais e repetidos da experiência. Tanto custa a corrigir um certo falso idealismo nas coisas da sociedade». A sua vida foi uma tragédia de que o espírito não conseguia defender-se. Panteísta romântico procurava a liberdade como processo

(1) Grande Enciclopédia Portug. e Brasil., s. v. Quental, Antero de, Vol. 2 — 3p. 917-921.

de santificação. (2) A sua influência entra na sociedade de então, negativista, revolucionária, ascética: marcou fundo.

A república que entretanto se preparava afanosamente depois do esgotamento em que o país mergulhara, consequência das lutas internas constantes, não estava em condições de aproveitar as possíveis consequências e vantagens que lhe poderia ter trazido a revolução francesa de 1848. E o ainda jovem Elias Garcia chorou quando soube ter-se malgrado essa tentativa (3).

A ideia ia tomando mais corpo, a que a revolução espanhola de 68 veio dar fundas esperanças: elas levaram a sugerir a criação, entre nós, de um partido republicano português. A sugestão concretizou-se poucos anos mais tarde.

Um outro homem, também de grande envergadura, colaborava na preparação da queda da Monarquia: Teófilo Braga (4). Era um teórico, elemento de quem a revolução também necessitava. Para ele, a família real era um grande obstáculo ao dinamismo do progresso social, por se opôr à evolução humana. A salvação só poderia vir da democracia republicana. Era um sábio; escreveu muito; de grande prestígio, foi como que um símbolo.

O quadro dos intelectuais que mais influíram na preparação do ambiente republicano pode completar-se com outro nome de tendências diferentes das já citadas: Oliveira Martins. Para ele, a História Portuguesa desentrolara-se por uma gente que só cometera monstruosidades: praticara crimes tremendos, fôra corrupta, malvada, quando não idiota; sacerdotes imorais. Ainda para ele, de toda esta miséria moral só os ingleses e os jesuítas tiravam proveito!

Os republicanos, já organizados, procuraram por todos os meios fazer propaganda. Tudo lhes servia, dentro de um ideal ainda romântico, mas desordenado. Aproveitavam todos os sucessos ou insucessos da política monárquica para agitarem a opinião pública, servindo-se de elementos por vezes eloquentes, mas sempre irreverentes. A tudo deitavam mão; e o triste «ultimatum»,

(2) Anthero do Quental, *Os Sonetos Completos*, pref. de Oliveira Martins, Nov. ed. Coimbra, 1922, 1932.

(3) Magalhães Lima, *Episódios da minha vida*, Lisboa, 1927-43.

(4) Teófilo Braga — *Histórias das ideias republicanas em Portugal*, Lisboa, 1880, 106.

em 1890, enviado (pela que teimamos chamar velha aliada) ao Governo português, foi aproveitado ao máximo. É sabido como a Nação reagiu à prepotência do mais forte; e os republicanos garantiam que o Rei, subido ao trono havia pouco, não fora naquele triste passo mais do que um traidor, etc., etc. A desordem agravou-se, era cada vez maior.

Ricardo Severo, jovem engenheiro, acompanhou, certamente amargurado, o transe por que passara toda a Nação. Era comedido, idealista, republicano, e muito sofrera também com o espectáculo a que assistira. Mas a sua experiência não havia de ficar por aqui, pois em 1891 eclodiu no Porto, onde vivia, o movimento chamado «do 31 de Janeiro»: a primeira revolução republicana. Nada nos diz, não vi escrito, que Ricardo Severo tivesse, de certeza, tomado parte activa na intentona; mas dadas as ideias políticas que professava, isso não me repugnaria acreditar.

O efeito no seu espírito do desenrolar da revolução, deve ter sido muito marcante, pelas circunstâncias em que os factos decorreram. Sabe-se terem-se reunido, os revoltosos, em Santo Ovídio; dali marcharem para a Praça de D. Pedro IV; ocuparem a Câmara Municipal e içarem uma bandeira no alto. A Guarda Municipal e tropa fiel ao regimen instalarem-se, por seu turno, em Santo Ildefonso, na Batalha e na Rua Alexandre Herculano, para defenderem o Quartel General e impedirem o acesso ao telégrafo. Depois de muitas indecisões, e no meio de grande vozeria, com fanfarra à frente, dirigirem-se os revoltosos em festa, acompanhados por muito povo, para a Rua de Santo António, onde muitas janelas tinham sido engalanadas e ocupadas por ruidosos manifestantes. No meio desta alegria indiscutível, soou um tiro, ao cimo da rua; nunca se soube ao certo quem disparou, nem contra quem. Estabeleceu-se tiroteio. A multidão, encurralada com a tropa na estreita rua, atropelou, tombou, pôs-se em debandada. Os soldados, impossibilitados de se defenderem capazmente, fizeram corpo com os fugitivos que se escapavam por todos os lados. Resistiram alguns na Câmara Municipal; a resistência findou a tiro de canhão. Acabou assim, em tragédia, a primeira revolução republicana. Pouco tempo depois, Ricardo Severo emigrava para o Brasil.

Fora este o meio social em que o nosso homenageado crescera e se fizera homem.

*

Diferente, porém, era o espírito científico da época; nele igualmente tomara parte activa, sobretudo na Arqueologia. Felizmente houve, entre nós e desde os primeiros passos da Pré e da Proto-história, homens de notável envergadura, como Carlos Ribeiro, Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos, para não citar mais.

A vocação de Ricardo Severo para estes estudos começou cedo; era ainda estudante quando, em 1886, no III Vol. da «Revista de Guimarães», gloriosa e veneranda pioneira de divulgação da Arqueologia, apareceu um artigo sobre uma cidade existente a pouca distância de Vila do Conde, por ele saiu assinado, então com 17 anos de idade, e por Artur Cardoso.

No ano seguinte Severo criou uma colectividade científica, a que deu o nome daquele a quem podemos chamar o pioneiro da Pré-história em Portugal: o engenheiro Carlos Ribeiro. Chamava-se a nova agremiação, Sociedade Carlos Ribeiro para propaganda das Ciências Naturais em Portugal. Os trabalhos deste arqueólogo sobre o suposto homem terciário, em Portugal, haviam levado antropólogos e arqueólogos a escolherem a cidade de Lisboa, para, em 1880, nela realizarem o seu IX Congresso; podiam assim tomar contacto directo com os materiais encontrados. Entre os cientistas contavam-se os mais notáveis da Europa: Mortillet, Cartailiac, Evans, Quatrefages, Virchow, Martins Sarmiento, etc. Nas sessões estabeleceu-se viva discussão, mas o assunto não ficou arrumado; o presidente, Virchow, propôs a continuidade do debate em outro Congresso. O mesmo não sucedeu com os trabalhos de Martins Sarmiento, na Citânia de Briteiros. Em comboio especial partiram de Lisboa, às 6 h. da manhã, muitos congressistas; fizeram uma paragem em Coimbra, para almoçar, e às sete da tarde estavam em Braga. O relatório⁽⁵⁾ sobre esta excursão, prolongada a Sabroso, foi feito por Virchow; de resto, já Hübner havia escrito sobre as estações em

⁽⁵⁾ Virchow, *Verhandlungen*, etc., trad. no *Compte-rendu du Congrès International d'Anthrop. et Archéologie préhistoriques* Lisbonne 1884, 647-662.

causa, trabalho, que Martins Sarmento comentara; mas o relator pôde acrescentar os resultados das últimas escavações de Martins Sarmento levadas a cabo «avec beaucoup de zèle» (6), segundo escreveu. O entusiasmo pelo que viu levou aquele sábio alemão a esclarecer no relatório referido: «Il se trouve dans ces lieux, un homme; M. Sarmento, résident à Guimarães, lequel, semblable à Schliemann, dépense depuis des années de grosses sommes dans ces fouilles» (7).

As actas deste congresso foram certamente conhecidas por Ricardo Severo ainda muito jovem e daí o entusiasmo que tivera por Carlos Ribeiro.

Em 1889 fundou, Ricardo Severo, como órgão da Sociedade Carlos Ribeiro, a «Revista de Ciências Naturais e Sociais» e nela publicou uma Paleontologia Portuguesa. Nela colaboraram Rocha Peixoto, Júlio de Matos, Basílio Teles, Venceslau de Lima, João Barreira, Fonseca Cardoso.

Como já tivemos ocasião de referir, Ricardo Severo emigrou para o Brasil em 1892; ao fim de quatro anos, em 1896, voltou para Portugal e, pouco depois, gisou o programa de uma nova revista apresentada em moldes modernos, e que pudesse ombrear com as melhores estrangeiras. Chamar-se-ia «Portugália» e escolheu para seus colaboradores mais directos, Rocha Peixoto, que seria o «redactor em chefe», segundo se lê no frontespício e Fonseca Cardoso, secretário. Saíu o primeiro fascículo em 1899. Foi esta revista, até certo ponto a continuação, melhorada, da «Revista de Ciências Naturais e Sociais»; e viria a ser a maior obra que Ricardo Severo nos legaria.

Teve excelentes colaboradores, como Martins Sarmento, Santos Rocha, José Fortes, Rocha Peixoto, Alberto Sampaio, Vieira Natividade, Adolfo Coelho, Luís de Magalhães.

Foi louvado por sumidades estrangeiras, como Cartailiac, Salomão Reinach.

Seria na «Portugalia», nos seus dois grossos volumes, que apareceriam os principais trabalhos sobre Arqueologia ou Antropologia assinados por Ricardo Severo.

(6) *Idem, ibidem*, 648.

(7) *Idem, ibidem*, 648.

Copiamos, integralmente, para em nada alterarmos o pensamento do fundador, o que se lê na primeira página da Revista, à maneira de programa:

«PORTUGALIA»

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLA GREY

PROSPECTO

«Esta publicação não surge a propósito, como tantas outras, moldada de geito a preencher determinada lacuna; corresponde a um dado momento da vida nacional, representa uma geração temperada para realizar a sua obra — cumprirá um destino.

Será desde o primeiro tomo um ARCHIVO NACIONAL de materiaes para o estudo do povo portuguez, monographias de inquerito a toda uma collectividade desde as suas origens, considerando o indivíduo, as raças, os povos, na sua natureza intima e modos de ser, usanças, civilizações, história...

Admittida a nação portugueza actual como um organismo ethnico com vida propria independente — com rasões de ser de ordem ethnologica e historica — procura-se estudal-o por todos os seus aspectos, definindo a natureza e relações dos proprios elementos, a physiologia e mesologia da sua vida organica e habitat, accentuando os caracteres especificos que formam e explicam actualmente os typos nacionaes.

O problema, d'esta sorte enunciado, mostra-se de momentosa complexidade.

Os processos de investigação, porém, marcam limites, estabelecem o programma. Applicar-se-hão formulas precisas de analyse, por partes; e, de toda a vasta nebulosa da questão, serão considerados em especial os nodulos que melhor condensam os elementos originários do todo.

E eis o itinerario. Observa-se-ha simplesmente, e sobretudo, o fundo popular, a GREY, no sentido hierarchico e usual do termo.

Estudar-se-ha o povo portuguez, medindo-o, classificando-o em series e graphicos, separando-o em grupos de determinado aspecto ethnico; recolher-se-hão todas as manifestações da vida popular, de hoje e do passado,

especializando as formas e caracteres que naturalmente representam o typo physico, moral, intellectual do homem e das povoações que occupam os nossos vales e serranias.

São postas de lado as manifestações eruditas das sciencias, artes, lettras e industrias, embora n'ellas se presintam tonalidades da alma popular; consideram-se assumptos de especiaes monographias, constituindo em todo o seu desenvolvimento outros tantos capitulos da geral anthropologia portuguesa; e porque essas expressões superiores da vida de uma nacionalidade accusam sempre influencias extranhas de technica, estylo ou eschola, com elementos importados de erudição e de estudo — cada qual reclama extenso archivo e volumoso tratado.

Outros de nomeada competencia se teem consagrado com brilho ao exame de todas essas produções monumentaes. A nós caber-nos-ha por agora, e tam sómente, o substractum da nacionalidade, o que ha de primitivo e original, desde remotas origens até hoje — ahi colheremos os verdadeiros elementos da vida e do character nacional, a nossa rasão de ser e da nossa historia.

Propor-se-ha o renascimento da verdadeira alma popular — inicia-se com patriotismo e esperanza a obra tradicionalista de reivindicação pela grey portuguesa.

Obedeçam a este intuito todos os que no paiz pensam e estudam. Abrir-se-ha um novo periodo de RENASCENÇA dentro da propria nacionalidade, que será também a renascença de um velho povo.

Contamos, para seguir ao fim o caminho traçado, que colaborarão na benemerita obra todos os estudiosos do paiz; nada esperamos do publico, e, não obstante, prosseguiremos.

Porto, 1 de Setembro de 1898.»

*

É bem explícito o desejo do Director da Revista; e a prosa que sai da sua pena é do melhor quilate.

Nesse 1.^o volume da «Portugalia» dá notícia sobre o aparecimento da 2.^a edição do notável estudo feito por Martins Sarmiento, mestre por quem nutria o maior respeito e consideração, a propósito do discutido poema do séc. VI a. C., «Ora Marítima». Transcrevê-mo-lo

também, pois continua e desenvolve o que lemos no «prospecto» (8):

F. MARTINS SARMENTO: «R. Festus Avienus. Ora Maritima» — *Estudo d'este poema na parte respectiva às costas occidentaes da Europa*, 2.^a edição. Porto, 1896.

Cumpra a esta parte da publicação em início a liquidação do movimento científico pelo paiz e terras do estrangeiro que interessa directamente o programa no seu objectivo de publicar *Materiaes para o estudo do povo portuguez*. É obra essencialmente portugueza que pretendemos edificar; tem pretensões a nossa iniciativa e o orgulho de archivar trabalhos illustres que se occupam do paiz e da sua grey. O intuito não é, pela forma, à moda da época; estulto é tal arrobo de patriotismo e — quem sabe — acção de moços mal avisados no cauteloso e egoista preceito do viver. É todo nosso, porém, sem imbricadas dependencias, o atrevido empenho e sonhado emprehendimento; que fique pois archivada de modo affectivo, embora menos pese a contemporaneos e vindouros, a impressão duradoura d'este esforço, e o integro caracter nacional da nossa empreza.

Não é de creações a epocha que vae correndo, se bem que desesperada a ancia pelo povo e original *motivo*; em torno de velhas formas esquecidas volteiam as minimas locubrações como em estreito circulo de paradoxos ou logares-communs, e n'esta lucha afóra dos classicos enunciados deliquesce o moral e o intellecto por desgaste, á mingoa de crença.

Affirmaremos nós outros, em especial missão de propaganda, e limitado campo de actividade, veneração pelo passado, crença no renascimento pelo trabalho, o culto dos homens sãos e da verdade, a religião do Saber. E isto feito, continuaremos prosseguindo o nosso caminho.»

*

De entre os seus escritos sobre Arqueologia destacaremos o referente ao Tesouro de Lebução, extraordinário conjunto parte por ele adquirido e generosamente mais

(8) «Portugalia», I, 163.

tarde oferecido» por sua Família ao Museu Martins Sarmiento⁽⁹⁾; e outro muito menor adquirido por Leite de Vasconcelos para o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Belém).

A descrição das peças, minuciosa e metódica, ilustrada com profusão de desenhos e gravuras, mesmo hoje seria modelar.

As famosas jóias ainda não há muitos anos foram objecto de um longo estudo do Prof. Blanco Freijeiro; neste trabalho é dado o maior relevo ao método com que Ricardo Severo tratou as preciosas joias arcaicas⁽¹⁰⁾. As suas conclusões são de uma probidade própria de quem as subscreve; evita decidir-se por uma demonstração cabal sobre o enquadramento das várias peças do tesouro, da sua decoração riquíssima, em um grupo étnico determinado por ainda não estarem suficientemente determinadas, as áreas de influências dos povos da Península. E termina o seu estudo, que tantos comentários tem merecido, por esta reserva: «em rigor científico, não é ainda a ocasião de concluir».

A publicação do Padre Brenha sobre o que este dizia ter encontrado nas antas de Vila Pouca de Aguiar, aparecido no 1.º volume da revista, mereceu um largo comentário de Ricardo Severo no mesmo volume. O problema da escrita revelada ou inventada pelo Reverendo Sacerdote apaixonou os cientistas não só nacionais como estrangeiros. Em Espanha surgiu um facto semelhante. E não falemos no triste caso do que se passou em França, precisamente, em Glozel. Ricardo Severo usou de todas as cautelas para se decidir sobre a autenticidade ou fraude da lenda das peças de Vila Pouca, que passaram a constituir parte integrante de um pequeno museu instalado na Póvoa de Varzim pelo próprio Padre Brenha: museu a que o proprietário dera o seu nome.

Escreveu Ricardo Severo no dito comentário: «De primeiro, em cumprimento dos bons preceitos de análise científica, há que submeter esta série de objectos

⁽⁹⁾ Sessão da Soc. M. Sarmiento, de 2-X-1957, «Rev. de Guimarães», 1957, 579-582.

⁽¹⁰⁾ A. Blanco Freijeiro, *En torno a las joyas de Lebução*, «Rev. Guimarães», 1958, pp. 155-196.

adeante relatados e figurados, a um processo de autenticidade de todo o rigor e justiça».

Mais adiante, pensando sempre no possível logro, acrescentou: «primeiro que tudo, rectificação dos caracteres de contextura e forma e das condições especiais da jazida». Decidindo-se pela veracidade do que afirmara o Padre Brenha e o seu colaborador, o Padre Rodrigues, acrescentou ainda: «...outras descobertas virão que completem e reduzam a uma equação definitiva este ensaio».

Por aqui se avalia o cuidado, a minúcia com que Ricardo Severo fazia as suas observações e procurava acertar nas conclusões a tirar.

Não iremos, naturalmente, fazer mais do que apontar outros trabalhos no campo da Arqueologia: os «Braceletes d'ouro de Arnozella», os «Torques de Almostern», «O Mercúrio de Casal-Comba», o «Castro de Vilarinho de Cotas», «As arrecadas d'ouro do castro de Laundos», «Necrópoles lusitano-romanas de inhumação», «Estatueta romana de Soutello», «Ex-voto de bronze da Colecção Manoel Negro».

A Antropologia também o cativava; mas os trabalhos que publicou, fê-los de colaboração com Fonseca Cardoso. Achava necessário ou conveniente estudar os restos dos homens de quem conhecia os artefactos, dos homens que estavam nas origens da grei.

O último fascículo da «Portugalia» foi publicado em 1908, no mesmo ano em que Ricardo Severo regressou definitivamente ao Brasil: a S. Paulo, onde já vivera e criara raízes.

Nesse mesmo ano, a Academia das Ciências de Lisboa incluiu-o na lista dos membros correspondentes. As suas preocupações intelectuais tomaram agora novo rumo. A arte brasileira seduziu-o e nela verificou, sem quaisquer dúvidas, a sua origem portuguesa, adaptada às condições do clima. Proferiu uma conferência em 1916, a que deu o título: *A arte tradicional no Brasil, a casa e o templo* (11) e classificou-a assim: «humilde estamemha de uma geração que modestamente viveu sobre a terra em que hoje também vivemos».

(11) R. Severo, *A arte tradicional no Brasil*, conf.^a realizada, com outras, na Soc. de Cultura Artística de S. Paulo, S. Paulo, 1916.

Orientou a corrente denominada modernista que pretendia, a partir de 1922, fazer regressar a arte brasileira às suas origens.

Realizou conferências e, por outro lado foi um dos grandes construtores dessa metrópole que tão depressa se desenvolveu.

No mesmo ano do seu regresso, fundou o «*Centro Republicano Português*». Depois, ajudou a criar a «*Câmara Portuguesa de Comércio*» e o «*Clube Português*», este já em 1920; nele instituiu a «Biblioteca Portuguesa de S. Paulo», que publicaria uma revista, designada «*Revista Portuguesa*».

O auxílio que prestou ao país durante a Exposição Internacional do Rio, foi extraordinário.

A política mereceu-lhe sempre muita atenção; republicano da primeira hora, não abdicou nunca das suas convicções. Em 31 de Janeiro de 1923 realizou-se uma sessão solene no Grémio Republicano Português, do Rio de Janeiro. Nela proferiu uma conferência notável, a que deu o título: «A República Lusitânica». Dela respigamos alguns trechos marcantes:

«Somos elementos emigrantes em uma colónia livre — desprendidos dos liames políticos que na Metrópole amarram os homens ao facciosismo dos partidos, ao favoritismo dos seus caudilhos, à plutocracia, e à ambição da governança para a exploração do poder. Vive cada qual no ambiente mais ou menos restricto de seus interesses, e cada qual em sua oficina de trabalho, como outrora as células mães, que eram as primitivas tribos da Lusitânia; e também, como outrora, enredadas na intriga interminável de rinhentas brigas intestinas»...

Para ele, a balbúrdia política, em que então o país se debatia, achava-a natural, pois desordens havia-as em todos os países: portanto não admirava que as houvesse em Portugal.

E para esse estado deu o remédio:

«Cumpre, pois, espiritualizar a obra política da República com o génio da nacionalidade e o sentimento de civismo, que conduziu a nação pela epopeia da sua história gloriosa; dessa história que despontou não há oito séculos, mas nas eras geológicas em que o primeiro lar fumegou na primeira tribo da Lusitânia.»

E à maneira de conclusão, já que em Portugal não via a república que sonhara, disse:

«Restabeleçamos aqui, entre nós, a república lusitânica⁽¹²⁾ na sua theoria nacionalista».

Ao menos, desejava que o seu ideal pudesse concretizar-se entre os membros da colónia portuguesa no Brasil!!

Em 1932 foi-lhe prestada uma extraordinária homenagem em S. Paulo; em seguida a colónia paulistana enviou à Sociedade de Geografia de Lisboa um busto em bronze do seu «patriarca», como lá lhe chamavam.

Em 1935 voltou a Lisboa e chorou ao contemplar a cidade. «A nossa terra, o nosso Portugal», exclamava Ricardo Severo para os amigos que o foram esperar ao cais.

Quando regressou ao Brasil sentiu que a vida já não devia durar muito; o seu grande pesar era pressentir não tornar a ver Lisboa! De resto já dissera na última conferência citada: «enquanto durar o meu desterro...». Isto, apesar do muito que ali lhe queriam e da família que lá organizara.

E assim se finou, em 3 de Abril de 1940, um dos grandes espíritos da última geração, um português íntegro que lutou sempre pelo renascimento do povo português.

Terminada esta notável Conferência, que foi calorosamente aplaudida pela assistência, o Senhor Prof. D. Fernando de Almeida fez em seguida projectar na tela alguns diapositivos coloridos das magníficas peças do tesouro Lebução que se guardam no Museu da Sociedade, os quais foram devidamente apreciados.

Seguidamente o Sr. Governador Civil encerrou a Sessão com breves palavras de congratulação dirigidas à Sociedade Martins Sarmento, e de saudação ao ilustre Conferente.

A R.T.P. deu, no dia imediato, em sua reportagem, algumas imagens desta Sessão comemorativa realizada na nossa primeira instituição cultural, que continua a esforçar-se por bem cumprir a missão para que foi criada de «promotora da instrução e da educação populares».

(12) R. Severo, *A República Lusitânica*, Rio de Janeiro, 1923